

***Dra. Sandra Paula Gaspar Mainsel C. Jaime**

Doutora em Ciências da Comunicação e em Mídia e Sociedade pela UAL - Universidade Autónoma de Lisboa - Portugal. Doutora em Philosophy in Business Administration e Mestra em Science in Business Administration pela FCU - Florida Christian University Estados Unidos. Graduada em Ciências da Comunicação pela UAN - Universidade Agostinho Neto - Angola. Docente do Curso de Comunicação Social na Faculdade de Ciências Sociais da UAN - Universidade Agostinho Neto – Luanda-Sul, Angola.

ORCID: 0000-0002-8632-8263

E-mail:

sandramainsel@hotmail.com

INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL COMO FERRAMENTA DE INCLUSÃO NO JORNALISMO EM ANGOLA: Modelos de Literacia Digital para uma Comunicação Inovadora

DOI: doi.org/10.5281/zenodo.22310233

RESUMO

A inteligência artificial (IA) tem emergido como uma tecnologia transformadora no jornalismo, apresentando potencial para promover a inclusão digital e desenvolver modelos de literacia digital inovadores. Este estudo qualitativo investigou como a IA pode ser utilizada no jornalismo angolano, analisando percepções e experiências de jornalistas em diferentes meios de comunicação. A metodologia incluiu entrevistas semiestruturadas com profissionais de diversas faixas etárias e funções, e a análise de conteúdo qualitativa foi utilizada para interpretar os dados recolhidos. Os resultados revelaram uma limitada familiaridade prática com IA destacando a necessidade de formação em literacia digital e investimentos em infraestrutura tecnológica. Apesar das barreiras, os jornalistas reconheceram o potencial da IA para ampliar o acesso à informação, personalizar conteúdos e fortalecer o combate à exclusão digital. Conclui-se que, para integrar a IA de forma eficaz no jornalismo angolano, é necessário alinhar inovação tecnológica com inclusão digital, promovendo um setor mais democrático e sustentável.

Palavras-Chave: Inteligência Artificial; Jornalismo; Inclusão Digital; Literacia Digital; Angola.

ARTIFICIAL INTELLIGENCE AS A TOOL FOR INCLUSION IN JOURNALISM IN ANGOLA: Digital Literacy Models for Innovative Communication

ABSTRACT

Artificial intelligence (AI) has emerged as a transformative technology in journalism, with the potential to promote digital inclusion and develop innovative digital literacy models. This qualitative study explored how AI can be used in Angolan journalism by analyzing perceptions and experiences of journalists from various media outlets. The methodology involved semi-structured interviews with professionals of different ages and roles, and qualitative content analysis was applied to interpret the collected data. The results revealed limited practical familiarity with AI, highlighting the need for digital literacy training and investment in technological infrastructure. Despite the barriers, journalists recognized AI's potential to expand access to information, personalize content, and strengthen efforts against digital exclusion. It is concluded that integrating AI effectively into Angolan journalism requires aligning technological innovation with digital inclusion, fostering a more democratic and sustainable media sector.

Keywords: Artificial Intelligence; Journalism; Digital Inclusion; Digital Literacy; Angola.

LA INTELIGENCIA ARTIFICIAL COMO HERRAMIENTA PARA LA INCLUSIÓN EN EL PERIODISMO EN ANGOLA: Modelos de Alfabetización Digital para una Comunicación Innovadora

RESUMEN

La inteligencia artificial (IA) ha surgido como una tecnología transformadora en el periodismo, con el potencial de promover la inclusión digital y desarrollar modelos innovadores de alfabetización digital. Este estudio cualitativo exploró cómo la IA puede ser utilizada en el periodismo angoleño, analizando las percepciones y experiencias de periodistas de diversos medios de comunicación. La metodología incluyó entrevistas semiestructuradas con profesionales de distintas edades y funciones, y se aplicó un análisis cualitativo de contenido para interpretar los datos recogidos. Los resultados revelaron una familiaridad práctica limitada con la IA, destacando la necesidad de formación en alfabetización digital e inversiones en infraestructura tecnológica. A pesar de las barreras, los periodistas reconocieron el potencial de la IA para ampliar el acceso a la información, personalizar contenidos y fortalecer la lucha contra la exclusión digital. Se concluye que integrar eficazmente la IA en el periodismo angoleño requiere alinear la innovación tecnológica con la inclusión digital, fomentando un sector mediático más democrático y sostenible.

Palabras clave: Inteligencia Artificial; Periodismo; Inclusión Digital; Alfabetización Digital; Angola.

INTRODUÇÃO

A inteligência artificial (IA) tem emergido como uma das ferramentas mais transformadoras da sociedade contemporânea, impactando diversas áreas, desde a saúde e a educação até o jornalismo. Este estudo centra-se na aplicação da IA no jornalismo em Angola, com particular ênfase no seu potencial como ferramenta de inclusão digital e na construção de modelos de literacia digital que promovam uma comunicação mais inovadora. O objetivo principal desta pesquisa é analisar como as ferramentas de IA podem ser utilizadas para impulsionar o jornalismo angolano, promovendo modelos de literacia digital que contribuam para a democratização do acesso à informação e inovação na comunicação. A questão de Investigação a que se procurou dar resposta foi: de que forma a IA pode ser utilizada no jornalismo em Angola para promover inclusão digital e contribuir para o desenvolvimento de modelos de literacia digital inovadores?

A problemática em questão surge da constatação de que, embora a IA ofereça inúmeras oportunidades para a automatização de tarefas, personalização de conteúdos e ampliação de alcance informativo, ela também levanta preocupações relacionadas à exclusão digital, desinformação e dependência tecnológica. Num país como Angola, onde a desigualdade no acesso à tecnologia ainda é um obstáculo significativo, a introdução de ferramentas de IA no jornalismo requer uma abordagem cuidadosa, que leve em consideração as condições locais

e as necessidades dos profissionais de comunicação.

Este trabalho é fundamentado em estudos anteriores que destacam o papel da IA na transformação do jornalismo global, mas procura explorar um contexto menos abordado: o jornalismo em Angola. Estudos internacionais, como os de Wölker e Powell (2021), destacam os benefícios e os desafios da IA no jornalismo, mas são limitados ao contexto de países desenvolvidos. Por outro lado, pesquisas locais sobre comunicação digital e literacia em Angola ainda são escassas, o que reforça a relevância desta investigação.

A presente pesquisa reflete o contexto atual da digitalização e inovação tecnológica em Angola, abordando como a IA pode ser uma ferramenta estratégica para enfrentar os desafios do setor jornalístico. A análise será desenvolvida em quatro dimensões principais: a experiência e a percepção atual dos jornalistas sobre a IA, a inclusão digital e o nível de literacia digital, o impacto da IA na inovação jornalística, e os desafios e propostas para a implementação de modelos eficazes de literacia digital no setor.

Ao longo deste trabalho, procuramos identificar as barreiras existentes e também propor soluções práticas que contribuam para um jornalismo mais inclusivo e inovador em Angola. Este estudo é, portanto, uma oportunidade de aprofundar a discussão sobre o papel da IA como aliada no fortalecimento do setor jornalístico, oferecendo novas perspectivas sobre as suas aplicações e implicações no contexto angolano.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1. Inclusão Digital, Literacia Digital e Políticas Públicas em Angola

A inclusão digital tornou-se um dos pilares fundamentais para a democratização do acesso à informação no século XXI. No jornalismo, esse conceito está intrinsecamente ligado à capacidade de integrar tecnologias digitais e promover o acesso equitativo às ferramentas e competências necessárias para participar ativamente na produção e no consumo de informação. A inclusão digital no jornalismo amplia o alcance das mensagens jornalísticas e potencializa a participação de vozes anteriormente marginalizadas (UNESCO, 2022).

O jornalismo desempenha um papel central na construção de sociedades informadas e participativas. No entanto, a desigualdade digital permanece um obstáculo significativo em muitos contextos, especialmente em países em desenvolvimento, como Angola. A União Internacional de Telecomunicações (UIT, 2021) estima que mais de um terço da população mundial ainda não tem acesso à internet, o que restringe diretamente a possibilidade de acesso a conteúdos jornalísticos digitais. Em Angola, essa desigualdade reflete-se em barreiras económicas, falta de infraestrutura tecnológica e níveis reduzidos de literacia digital (Forbes

Staff, 2023).

As políticas de comunicação em Angola têm passado por significativas transformações nas últimas décadas, especialmente após o fim do regime de partido único e a implementação de reformas democráticas no país (Mathende; Beach, 2022). O setor de comunicação em Angola passou por transformações significativas desde o fim da guerra civil em 2002, mas ainda enfrenta desafios significativos em termos de liberdade de imprensa e diversidade de mídia.

Neste contexto, a inclusão digital e o reforço da literacia digital tornam-se fundamentais. A literacia digital refere-se à capacidade de utilizar tecnologias digitais, ferramentas de comunicação e redes para aceder, gerir, integrar, avaliar e criar informações de forma ética e eficiente (Deschênes, 2024; Malotiya et al., 2023). Segundo a Comissão Europeia (2023), a literacia digital envolve a capacidade técnica de operar dispositivos tecnológicos e também a capacidade crítica de compreender, avaliar e produzir conteúdo digital. Esta competência é essencial no mundo contemporâneo, onde a tecnologia está profundamente integrada em todos os aspetos da vida diária, desde a educação e o trabalho até à comunicação e o entretenimento.

De acordo com Gilster (1997), um dos pioneiros no campo da literacia digital, a literacia digital é a capacidade de compreender e utilizar a informação em múltiplos formatos provenientes de uma ampla gama de fontes quando ela é apresentada através de computadores. Esta definição destaca a natureza multifacetada da literacia digital, que vai além da simples alfabetização tecnológica para incluir competências cognitivas e críticas.

López et al. (2023) referem que a literacia digital passa pela capacidade de usar, compreender e criar informações através de tecnologias digitais, englobando a capacidade de navegar e pesquisar online, avaliar a credibilidade das fontes de informação, proteger a privacidade e a segurança pessoal, comunicar-se de maneira eficaz em plataformas digitais, criar e publicar conteúdo multimídia e resolver problemas técnicos. Essas competências são essenciais para a participação plena e eficaz no mundo digital contemporâneo, tanto em contextos pessoais quanto profissionais.

Além disso, Pangrazio et al. (2020) ampliam o conceito de literacia digital para incluir cinco tipos principais de competências: literacia fotovisual, literacia de reprodução, literacia de ramificação, literacia de informação e literacia socioemocional. Cada uma dessas competências aborda diferentes aspetos da interação com a tecnologia digital, desde a leitura de imagens até à navegação em hipermídias e à gestão de informações e interações sociais online.

No contexto de Angola, a literacia digital adquire um significado particular, dado o rápido crescimento do acesso às tecnologias da informação e comunicação (TIC) no país, mas também as persistentes desigualdades digitais que afetam amplos segmentos da população. O governo angolano, através do Plano Nacional de Desenvolvimento 2023-2027, reconhece a importância da inclusão digital e tem tomado medidas para promover a literacia digital (Decreto Presidencial n.º 225/23). No entanto, a implementação enfrenta desafios devido às limitações orçamentárias e à necessidade de maior coordenação. A infraestrutura de TICs está em desenvolvimento, com esforços contínuos para expandir a conectividade e melhorar a infraestrutura tecnológica. Segundo o World Bank Group (2019), o desenvolvimento da infraestrutura de TIC é fundamental para promover a inclusão digital e o crescimento económico em Angola. A expansão da conectividade e a redução dos custos de acesso à internet são essenciais para garantir que todos os cidadãos, incluindo aqueles com deficiência visual, possam beneficiar dos recursos digitais disponíveis.

O Executivo angolano estabeleceu como meta elevar a taxa de penetração da Internet em Angola para 80%, aumentando de 8,9 milhões para 18,8 milhões de utilizadores até 2027 (Lopes, 2024).

Segundo o Livro Branco das Tecnologias de Informação e Comunicação 2019-2022, para garantir que todos se beneficiem do uso das Telecomunicações e TIC, o Estado deve promover a igualdade de oportunidades e assegurar uma abordagem segura e harmonizada na proteção de processos, dados e conexões digitais. O Executivo angolano planeia realizar ações de sensibilização e capacitação para educar os cidadãos, especialmente crianças e jovens, sobre o uso positivo e seguro das TIC e da Internet. Estas iniciativas vão abordar a cidadania digital e a literacia digital, bem como os riscos da navegação online, com o objetivo de promover a confiança e a segurança entre os utilizadores. A modernização do sistema de ensino e a promoção da info-inclusão desde a infância são considerados pilares centrais. Além disso, o Executivo pretende criar uma Estratégia Nacional para a Inclusão Digital, que visa proporcionar inclusão digital e desenvolver uma cultura digital focada em competências digitais. Embora o ambiente digital ofereça grandes oportunidades económicas e sociais, também apresenta riscos para a identidade, a privacidade e a intimidade (República de Angola, 2019).

Embora a infraestrutura de telecomunicações tenha melhorado, muitas áreas rurais ainda têm dificuldade de acesso à internet de alta qualidade. O custo elevado de dispositivos digitais é uma barreira significativa. Apenas cerca de 2% da população rural tem acesso à internet, comparado a 33% nas áreas urbanas (INE de Angola, 2023). A ausência de programas

educacionais e de formação em competências digitais limita a capacidade das pessoas de utilizarem efetivamente a tecnologia (Nações Unidas; Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento, 2023). Há uma escassez de plataformas e materiais didáticos adaptados para deficientes visuais, dificultando o acesso à informação e à educação digital (Ferati et al., 2016; Hewitt; He, 2021). As desigualdades económicas limitam a capacidade das pessoas de investir em educação e tecnologia. A taxa de pobreza tem vindo a crescer todos os anos, passando de mais de 12 milhões de pessoas (41,7%) em 2019 para mais de 16 milhões (49,4%), em 2022 e estima-se que esse número continue a aumentar, restringindo o acesso a tecnologias digitais (Mukuta, 2024).

Embora existam esforços governamentais para promover a inclusão digital, muitas políticas ainda são insuficientes ou mal implementadas.

2.2. Inteligência Artificial e a Sustentabilidade do Jornalismo em Angola

A IA está a transformar o panorama global do jornalismo, oferecendo novas ferramentas que prometem melhorar a eficiência, precisão e alcance das notícias. Contudo, em Angola, a aplicação da IA no jornalismo enfrenta desafios profundos que colocam em risco a sua sustentabilidade e o seu papel como pilar da democracia e da inclusão social.

Os jornalistas angolanos encontram obstáculos significativos na integração de práticas digitais e de IA nas suas rotinas profissionais. Um dos principais entraves reside na falta de formação técnica. Muitos profissionais têm conhecimento limitado sobre o funcionamento e o potencial das ferramentas de IA, o que restringe a sua capacidade de as utilizar de forma eficaz e ética (Forbes Staff, 2023). Esta lacuna formativa reflete-se, particularmente, entre jornalistas mais experientes, que demonstram frequentemente resistência à adoção de novas tecnologias.

Paralelamente, a infraestrutura tecnológica precária continua a ser um desafio estrutural, especialmente fora das zonas urbanas. A falta de acesso à internet de qualidade, equipamentos modernos e recursos tecnológicos nas redações limita severamente a implementação de soluções baseadas em IA. Em regiões rurais, onde a inclusão digital é ainda mais deficitária, esta realidade reforça desigualdades no acesso à informação e impede que o jornalismo alcance todo o território nacional de forma equitativa (Freedom House, 2023).

O contexto sociopolítico angolano agrava os desafios enfrentados pelo jornalismo. A autocensura, muitas vezes imposta por pressões políticas e económicas, compromete a liberdade de imprensa e enfraquece a capacidade dos meios de comunicação de atuar como agentes de mudança social e democratização (NDIPA, 2023; Voa Português, 2023). Num

ambiente onde a transparência e a independência dos meios são frequentemente questionadas, o potencial da IA para melhorar a qualidade e a imparcialidade das notícias é subaproveitado (Adjin-Tettey et al., 2024).

Além disso, a concentração da propriedade dos meios de comunicação em Angola perpetua dinâmicas de poder que dificultam a diversidade de narrativas e a promoção de uma cobertura jornalística pluralista. Neste contexto, a IA poderia desempenhar um papel crucial ao diversificar as vozes e os conteúdos disponíveis. No entanto, sem investimentos adequados e sem um ambiente que promova a liberdade de criação, o impacto transformador da IA continuará limitado (Tsandzana, 2022).

Apesar dos desafios, a IA oferece oportunidades promissoras para tornar o jornalismo mais sustentável e inclusivo em Angola. Ferramentas de IA, como algoritmos de análise de dados, podem otimizar o processo de recolha e tratamento de informações, permitindo aos jornalistas produzir conteúdos mais rapidamente e com maior precisão. Estas tecnologias também podem ser utilizadas para combater a desinformação, através de sistemas de verificação automática de factos, e para melhorar a acessibilidade, adaptando os conteúdos jornalísticos a diferentes públicos e contextos linguísticos (Shilongo, 2023).

A IA pode ainda ser instrumental na criação de conteúdos educativos e na personalização de notícias para comunidades rurais ou populações com necessidades específicas, como pessoas com deficiência. Por exemplo, tecnologias de síntese de voz e legendagem automática podem tornar os conteúdos jornalísticos acessíveis a indivíduos com limitações visuais ou auditivas. Além disso, a IA pode facilitar a tradução de conteúdos para línguas locais, contribuindo para a inclusão social e cultural.

A sustentabilidade do jornalismo em Angola depende de um equilíbrio entre inovação tecnológica e o fortalecimento das capacidades humanas e estruturais. São indispensáveis investimentos em formação contínua para capacitar os jornalistas no uso ético e eficaz das ferramentas de IA. A criação de parcerias entre o governo, universidades, organizações internacionais e o setor privado pode fomentar a transferência de conhecimentos e recursos tecnológicos, promovendo uma transformação sustentável (Kothari; Cruikshank, 2021).

Além disso, é essencial que sejam desenvolvidas políticas públicas que incentivem a modernização dos meios de comunicação e a democratização do acesso às tecnologias digitais. Estas políticas devem incluir a expansão da infraestrutura tecnológica em zonas rurais, a criação de programas de literacia digital e o apoio financeiro para a aquisição de equipamentos modernos (United Nations Development Programme, 2019).

Por fim, a sustentabilidade do jornalismo angolano no contexto da IA exige um

compromisso contínuo com a liberdade de imprensa, a transparência e a diversidade de vozes. A tecnologia, por si só, não resolverá os desafios estruturais e sociopolíticos enfrentados pelo setor. Contudo, quando integrada de forma ética e estratégica, a IA pode ser uma ferramenta poderosa para revitalizar o jornalismo e reforçar o seu papel como guardião da democracia em Angola.

3. PROCESSOS METODOLÓGICOS

3.1. Tipo de Estudo

A presente investigação utiliza uma metodologia qualitativa com base no método de estudo de caso. Este tipo de abordagem é adequado para alcançar os objetivos definidos, dado que possibilita uma análise profunda e detalhada das experiências, percepções e desafios enfrentados por jornalistas no contexto angolano.

A metodologia qualitativa é amplamente reconhecida pela sua capacidade de explorar fenómenos em profundidade, captando não apenas os aspetos observáveis, mas também os significados subjacentes às experiências dos participantes (Fortin, 2009). Segundo Creswell e Creswell (2018), esta abordagem permite uma análise rica de dados descritivos e fenomenológicos, fundamentais para compreender questões complexas e contextuais que não podem ser reduzidas a números ou estatísticas.

O método de estudo de caso foi escolhido como o design central da investigação por permitir a exploração detalhada de um fenómeno específico – a utilização da IA no jornalismo angolano – num contexto real. Este método é especialmente relevante quando o objetivo é estudar um fenómeno contemporâneo em profundidade, dentro dos seus limites contextuais, utilizando múltiplas fontes de evidência (Yin, 2018). Em Angola, onde as barreiras estruturais e sociopolíticas têm um impacto significativo no jornalismo, o estudo de caso possibilita uma análise contextualizada e multifacetada.

Ao utilizar entrevistas com jornalistas angolanos, a metodologia qualitativa facilita a obtenção de dados ricos e diversificados, que refletem as suas percepções sobre o impacto da IA na prática jornalística, bem como as suas experiências e desafios com a literacia digital. Este método permite captar nuances importantes, como a adaptação de práticas tradicionais à era digital, a resistência cultural à IA e o potencial da tecnologia para promover a inclusão social.

A escolha por entrevistas em profundidade justifica-se pela necessidade de compreender as experiências pessoais e profissionais dos jornalistas em relação à implementação de ferramentas de IA, bem como as dinâmicas culturais, sociais e políticas que influenciam essa adoção. Segundo Flick (2020), as entrevistas qualitativas são uma ferramenta

poderosa para explorar tópicos complexos e sensíveis, permitindo aos participantes expressarem as suas opiniões e experiências de forma livre e detalhada.

Além disso, a utilização de um estudo de caso permite a triangulação de dados através de diferentes fontes, como documentos institucionais, relatórios de políticas públicas e observação do contexto jornalístico angolano. Esta triangulação fortalece a validade e a fiabilidade dos resultados, proporcionando uma compreensão mais ampla do fenómeno em estudo.

3.2. Métodos de Recolha de Dados

Para alcançar os objetivos desta investigação, foram utilizados métodos qualitativos de recolha de dados, com destaque para as entrevistas semiestruturadas. Este método foi selecionado por possibilitar uma exploração aprofundada das perceções, experiências e opiniões dos jornalistas angolanos sobre o uso da IA como ferramenta de inclusão digital no jornalismo.

As entrevistas semiestruturadas consistem em conversas guiadas por um conjunto de questões previamente definidas, mas com flexibilidade para explorar tópicos adicionais que possam surgir durante o diálogo (Flick, 2020). Este formato permite ao entrevistador adaptar-se ao contexto do participante, garantindo uma recolha de dados rica e contextualizada.

As perguntas das entrevistas foram cuidadosamente elaboradas para responder aos objetivos específicos da investigação, sendo organizadas em categorias temáticas que abordam aspetos centrais da aplicação da IA no jornalismo angolano. As principais categorias incluem:

1. Familiaridade com ferramentas de IA: Nível de conhecimento e interação com tecnologias de IA.
2. Experiências práticas na utilização de IA no jornalismo: Exemplos de utilização de ferramentas de IA no trabalho jornalístico.
3. Perceções sobre os benefícios e desafios da IA para a inclusão digital: Opiniões sobre como a IA pode contribuir para reduzir desigualdades no acesso à informação.
4. Necessidades de formação em literacia digital: Identificação de lacunas formativas e propostas para melhorar a capacitação dos profissionais.
5. Expetativas sobre o impacto futuro da IA no jornalismo angolano: Perspectivas sobre o papel da IA na evolução do setor.

A seleção dos participantes foi orientada por uma amostragem intencional, com base em critérios definidos previamente pela investigadora, no sentido de garantir diversidade

funcional, institucional e territorial entre os entrevistados. Embora o conhecimento prévio sobre o campo jornalístico em Angola tenha facilitado o contacto inicial com alguns profissionais, a composição da amostra foi fundamentada em critérios objetivos e estratégicos, que visam assegurar uma análise representativa da pluralidade de contextos e experiências no setor mediático angolano. Foram privilegiados os seguintes critérios:

- **Função profissional:** Incluíram-se profissionais envolvidos em diferentes etapas do trabalho jornalístico, com formação académica na área do jornalismo ou comunicação social (critério comum a todos os participantes), permitindo uma visão abrangente das práticas e desafios enfrentados no setor.
- **Representação mediática:** A amostra contemplou jornalistas de vários tipos de meios de comunicação, incluindo televisão, rádio, imprensa escrita e digital, assegurando uma análise representativa das diferentes dinâmicas mediáticas em Angola.
- **Diversidade geográfica e socioeconómica:** Optou-se por incluir jornalistas de meios urbanos e rurais, refletindo as distintas realidades socioeconómicas e os desafios específicos associados à localização, como o acesso desigual à tecnologia e infraestrutura.

As entrevistas semiestruturadas foram realizadas na última semana de dezembro de 2024, através de videochamada.

3.3. Técnica de Análise de Dados

A análise de dados nesta investigação baseou-se na análise de conteúdo qualitativa, complementada por uma abordagem de triangulação de dados, com o objetivo de interpretar os dados recolhidos de forma sistemática e rigorosa. A análise de conteúdo qualitativa, segundo Bardin (2011), é um método amplamente utilizado em estudos qualitativos para explorar e interpretar padrões e significados nos dados, permitindo categorizar e identificar temas relevantes. Este método foi particularmente útil para a investigação, dado o enfoque em compreender as percepções e experiências dos jornalistas angolanos sobre a utilização da IA no jornalismo.

O processo de análise iniciou-se com uma leitura flutuante das transcrições das entrevistas, etapa conhecida como pré-análise, para uma visão inicial dos dados. Seguiu-se a exploração do material, onde foi realizada a codificação manual das transcrições, com identificação de categorias e subcategorias relacionadas aos principais temas da investigação, tais como familiaridade com IA, práticas no uso de IA, desafios à inclusão digital, formação em literacia digital e expectativas sobre o impacto futuro da IA no setor jornalístico. Posteriormente, as informações foram agrupadas, permitindo o tratamento e a interpretação

dos dados, com identificação de padrões e temas recorrentes que refletissem os principais desafios e oportunidades no contexto estudado.

Para fortalecer a validade das conclusões, a análise qualitativa foi complementada por uma triangulação de dados, que, de acordo com Flick (2020), consiste no cruzamento de diferentes fontes de dados para enriquecer a análise e minimizar possíveis enviesamentos. Neste estudo, foram cruzadas as informações obtidas nas entrevistas com a análise documental de relatórios institucionais e artigos de referência, além de observações contextuais relacionadas ao ambiente mediático e socioeconómico angolano. Este procedimento garantiu que as interpretações fossem fundamentadas em múltiplas perspectivas, promovendo maior robustez analítica.

Durante o processo de análise, foram observados princípios éticos rigorosos. As transcrições das entrevistas foram tratadas de forma anónima para garantir a confidencialidade dos participantes, e todas as interpretações basearam-se fielmente no discurso dos entrevistados, evitando enviesamentos ou extrapolações indevidas. Os dados recolhidos foram utilizados exclusivamente para os fins desta investigação, respeitando as normas éticas definidas.

Assim, a combinação da análise de conteúdo qualitativa e da triangulação de dados permitiu uma compreensão aprofundada das percepções e experiências dos jornalistas angolanos relativamente ao uso da IA no jornalismo. Esta abordagem forneceu uma base sólida para identificar tendências, desafios e oportunidades, contribuindo para uma análise rica e contextualizada sobre a inclusão digital e os modelos de literacia digital no setor mediático de Angola.

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

4.1. Dados sociodemográficos

A análise dos dados recolhidos nesta investigação teve como objetivo compreender as percepções, experiências e desafios enfrentados pelos jornalistas angolanos no uso da IA no jornalismo. A diversidade de perfis dos participantes permitiu explorar a temática sob múltiplas perspectivas, refletindo a realidade heterogénea do setor jornalístico no país.

Quanto à distribuição por género, participaram 5 mulheres (50%) e 5 homens (50%). Em termos de faixa etária, a amostra divide-se da seguinte forma:

- 2 participantes com menos de 30 anos (20%);
- 3 participantes entre os 31 e os 40 anos (30%);
- 3 participantes entre os 41 e os 50 anos (30%);

- 2 participantes com mais de 51 anos (20%).

Relativamente à função profissional desempenhada, os dados são os seguintes:

- 5 jornalistas repórteres (50%);
- 3 redatores (30%);
- 1 editora (10%);
- 1 apresentadora (10%).

Quanto ao tipo de meio de comunicação, os participantes estão distribuídos por:

- 4 jornalistas de rádio (40%);
- 3 de televisão (30%);
- 2 da imprensa escrita (20%);
- 1 do meio digital (10%).

Esta distribuição assegura uma cobertura diversificada dos diferentes contextos de atuação jornalística em Angola, permitindo captar as particularidades de cada formato e meio. A tabela abaixo apresenta os dados sociodemográficos dos participantes, fornecendo uma visão geral do perfil dos entrevistados:

Tabela 1: Dados sociodemográficos dos jornalistas entrevistados

Nome (Pseudónimo)	Idade	Género	Função	Meio de Comunicação
JD	32	Feminino	Repórter	Rede Girassol
AS	41	Feminino	Editora	TV Zimbo
MM	38	Masculino	Redator	ANGOP
JR	60	Masculino	Jornalista Repórter	Rádio LAC
MS	26	Feminino	Repórter Multimédia	TPA
FC	50	Masculino	Redator Repórter	Jornal de Angola
YA	42	Feminino	Apresentadora	Rádio Nacional de Angola
JA	54	Masculino	Redator	ZAP TV
FJ	34	Feminino	Jornalista Repórter	Rádio Eclésia
AA	28	Masculino	Jornalista Repórter	Platina Line

Fonte: elaborado pela autora

A partir desta caracterização inicial, os resultados serão apresentados em categorias temáticas que emergiram da análise de conteúdo, incluindo familiaridade com IA, uso prático, desafios, formação em literacia digital e perspectivas futuras. Esta organização permite uma leitura estruturada e uma compreensão clara das percepções e experiências dos jornalistas angolanos no contexto investigado.

4.2. Familiaridade com IA

Os resultados revelaram níveis variados de familiaridade com a IA entre os jornalistas entrevistados. Enquanto alguns demonstraram conhecimentos básicos sobre o tema, como JD, da Rede Girassol, e MS, da TPA, outros, como AS, da TV Zimbo, indicaram possuir formação em ferramentas específicas. No entanto, a maioria dos participantes reconheceu que a sua experiência prática com IA é limitada.

FC, do Jornal de Angola, exemplificou uma posição comum entre os jornalistas mais experientes, ao afirmar que está ciente da existência de ferramentas de IA, mas não as utiliza diretamente no seu trabalho. Por outro lado, jornalistas mais jovens, como AA, expressaram interesse em aprender e explorar as potencialidades da IA, mesmo sem experiência prática prévia.

Profissionais mais jovens, como MS e AA, mostraram maior interesse em aprender e aplicar ferramentas de IA alinhando-se à afirmação de Gilster (1997) de que a literacia digital não é apenas técnica, mas também cognitiva e crítica.

Por outro lado, jornalistas mais experientes, como FC, revelaram resistência cultural à adoção de novas tecnologias, confirmando o argumento de Mathende e Beach (2023) de que a transição para a digitalização em Angola enfrenta desafios estruturais e culturais. Esta situação reforça a necessidade de programas específicos para capacitar jornalistas em todas as faixas etárias, como sugerido pela Comissão Europeia (2023).

Esses dados sugerem que, embora a IA seja reconhecida como uma tecnologia relevante, existe uma lacuna significativa em termos de formação e acesso, o que limita a familiaridade e a adoção generalizada destas ferramentas no setor jornalístico angolano.

4.3. Uso prático da IA no Jornalismo

Ferramentas como algoritmos para verificação de factos (fact-checking) e análise de dados foram mencionadas por alguns participantes, como MM, da ANGOP, e AS, da TV Zimbo. No entanto, grande parte dos entrevistados, como JR, da Rádio LAC, e MS, da TPA, relataram nunca ter utilizado IA diretamente no seu trabalho. Estes dados dialogam com Wölker e Powell (2021), que destacam o papel da IA em otimizar processos jornalísticos, mas alertam para a sua aplicação desigual em contextos onde as infraestruturas ainda são deficitárias, como em Angola.

AS destacou que a IA pode facilitar a análise de dados e a personalização de conteúdos para diferentes públicos, enquanto MM apontou que o fact-checking é uma das áreas mais promissoras para a aplicação da IA. Esta visão alinha-se com o que Pangrazio et al. (2020)

chamam de literacia ramificada, que permite navegar em múltiplos formatos e plataformas digitais para alcançar públicos diversos.

Apesar disso, a ausência de infraestrutura tecnológica e a falta de formação foram identificadas como barreiras que dificultam o uso mais amplo dessas ferramentas.

4.4. Desafios à Inclusão Digital

A inclusão digital foi apontada como um desafio significativo pelos jornalistas, principalmente devido às barreiras estruturais e culturais existentes em Angola. A falta de infraestrutura tecnológica adequada, especialmente fora das áreas urbanas, foi frequentemente mencionada. JR, da Rádio LAC, e FJ, da Rádio Eclésia, salientaram que muitas redações ainda não possuem acesso a equipamentos modernos ou a uma internet de qualidade. Este problema está em consonância com os dados do Banco Mundial (2022), que destacam a desigualdade no acesso à internet e às tecnologias digitais no país.

Além disso, a resistência cultural à inovação tecnológica foi outro obstáculo identificado, particularmente entre jornalistas mais experientes. FC descreveu a adaptação a novas tecnologias como um processo difícil, devido à familiaridade com métodos tradicionais de trabalho, confirmando o que foi apontado pela Forbes Staff (2023) sobre a necessidade de superar barreiras culturais para promover a inclusão digital em Angola.

4.5. Formação em Literacia Digital

A necessidade de formação em literacia digital foi unanimemente reconhecida pelos entrevistados. Muitos destacaram que a ausência de formações limita a capacidade de utilizar ferramentas de IA de forma eficiente. AS sugeriu a realização de formações práticas para jornalistas, enquanto MM apontou que cursos online seriam uma solução acessível.

MS e AA enfatizaram a importância de workshops presenciais e adaptados à realidade angolana, destacando a necessidade de programas que atendam às especificidades culturais e económicas do país. A formação foi identificada como uma prioridade para garantir que a IA possa ser integrada de forma eficaz no jornalismo.

Esta necessidade alinha-se com o proposto por Deschênes (2024), que defende a literacia digital como um pilar fundamental para o desenvolvimento social e profissional em contextos digitais. Além disso, a ausência de programas educativos acessíveis e adaptados a diferentes grupos populacionais reflete os desafios mencionados por Mukuta (2024), que destacou a necessidade de estratégias de inclusão para superar desigualdades socioeconómicas.

4.6. Perspectivas Futuras sobre a IA no Jornalismo Angolano

As expectativas sobre o impacto futuro da IA no jornalismo angolano foram, em geral, positivas, embora acompanhadas de cautela. Muitos jornalistas, como AS e MM, veem a IA como uma tecnologia indispensável para a inovação no setor, destacando o seu potencial para melhorar a rapidez e a precisão da produção de notícias.

Por outro lado, JR e FC expressaram receios relacionados à perda de empregos e à desumanização do processo jornalístico, refletindo as preocupações éticas e sociais levantadas por Newman et al. (2023). Apesar disso, a maioria concorda que a transição para um jornalismo mais digital e apoiado por IA é inevitável.

Os entrevistados também destacaram a importância de políticas públicas para apoiar a implementação de IA no jornalismo. AA sugeriu parcerias com universidades para promover a formação em novas tecnologias, enquanto AS defendeu incentivos governamentais para a modernização das redações. Aqui, a proposta de parcerias entre universidades e redações, defendida por alguns entrevistados, reforça a ideia de Kothari e Cruikshank (2021) de que o fortalecimento do jornalismo africano requer colaboração estratégica e formação contínua.

Os resultados confirmam a relevância da IA como uma ferramenta estratégica para o jornalismo em Angola, mas sublinham que a sua integração requer esforços estruturados. A falta de infraestrutura, a resistência cultural e a ausência de formação são desafios significativos que limitam o impacto da IA. Estes obstáculos estão em consonância com os problemas identificados na literatura, como os mencionados por López et al. (2023) e UNESCO (2022).

No entanto, os jornalistas angolanos reconhecem o potencial transformador da IA, especialmente para promover a inclusão digital e diversificar a cobertura mediática. Ferramentas como a tradução automática e a personalização de conteúdos oferecem soluções práticas para aumentar o alcance e a acessibilidade, alinhando-se com as recomendações de Pangrazio et al. (2020) e Shilongo (2023).

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente investigação teve como objetivo analisar como a IA pode ser utilizada no jornalismo em Angola para promover inclusão digital e contribuir para o desenvolvimento de modelos de literacia digital inovadores. A partir da questão de investigação central – De que forma a IA pode ser utilizada no jornalismo em Angola para promover inclusão digital e contribuir para o desenvolvimento de modelos de literacia digital inovadores? – este estudo

explorou as percepções, experiências e desafios enfrentados pelos jornalistas angolanos no uso de ferramentas de IA.

Os resultados evidenciaram que, embora a IA seja reconhecida como uma tecnologia transformadora, a sua adoção no jornalismo angolano encontra barreiras significativas. A familiaridade dos jornalistas com ferramentas de IA revelou-se limitada, com conhecimento prático restrito a funções básicas, como verificação de factos e análise de dados. A falta de formação específica e de literacia digital foi identificada como uma lacuna crítica, apontada pela maioria dos participantes como um dos principais entraves à utilização mais abrangente da IA.

Além disso, desafios estruturais, como a precariedade da infraestrutura tecnológica e as desigualdades no acesso à internet, restringem a capacidade de integração da IA no setor. As redações em Angola, sobretudo fora dos centros urbanos, enfrentam limitações que afetam tanto a adoção de novas tecnologias quanto a promoção de uma comunicação mais inclusiva. Paralelamente, a resistência cultural e a desconfiança em relação à inovação tecnológica são fatores que retardam a transição para práticas mais digitais e automatizadas, especialmente entre jornalistas mais experientes.

Apesar destas limitações, os entrevistados demonstraram percepções positivas sobre o potencial da IA para promover a inclusão digital no jornalismo. Foram destacadas ferramentas de IA promissoras para ampliar o acesso à informação, através da criação de conteúdos personalizados, tradução automática para línguas locais e adaptação de formatos para públicos específicos, como comunidades rurais e pessoas com necessidades especiais. Essas possibilidades reforçam a relevância da IA como aliada no combate à exclusão digital em Angola.

Outra conclusão importante diz respeito à formação em literacia digital. A implementação de programas de capacitação técnica e prática foi unanimemente considerada essencial para preparar os jornalistas angolanos para o uso ético e eficiente de ferramentas de IA. As propostas apresentadas incluem workshops adaptados à realidade local, formação online acessível e parcerias entre universidades, redações e instituições governamentais. A necessidade de políticas públicas que promovam a modernização das redações e incentivem a adoção de tecnologias digitais também foi amplamente sublinhada. Este estudo destaca ainda que a IA pode ser um catalisador de inovação no jornalismo angolano, desde que integrada de forma ética, inclusiva e alinhada às condições locais. Para isso, é necessário equilibrar a introdução de tecnologias avançadas com iniciativas que garantam o acesso equitativo a essas ferramentas, promovendo a democratização da informação e o

fortalecimento do setor mediático.

Em suma, a investigação conclui que a IA possui um enorme potencial para transformar o jornalismo em Angola, mas a sua aplicação exige esforços estruturados e colaborativos. A criação de modelos eficazes de literacia digital, o investimento em infraestrutura tecnológica e a formação contínua dos profissionais são passos fundamentais para superar as barreiras identificadas. O futuro do jornalismo em Angola depende da capacidade de integrar inovação tecnológica com inclusão digital, consolidando a IA como uma ferramenta estratégica para um jornalismo mais democrático, ético e inovador.

REFERÊNCIAS

ADJIN-TETTEY, T. *et al.* The Role of Artificial Intelligence in Contemporary Journalism Practice in Two African Countries. **Journalism and Media**, vol. 5, no. 3, p. 846-860, 28 June 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.3390/journalmedia5030054>. Acesso em: 5 Jan. 2025.

AGÊNCIA LUSA. Presidente de Angola defende que há liberdade de imprensa em Angola. **Observador**, 2024a. Disponível em: <https://observador.pt/2024/01/14/presidente-de-angola-defende-que-ha-liberdade-de-imprensa-em-angola/>. Acesso em: 5 Jan. 2025.

AGÊNCIA LUSA. Liberdade de imprensa retrocedeu e cresceu o jornalismo "bem-comportado" em Angola. **Observador**, 2024b. Disponível em: <https://observador.pt/2024/01/15/liberdade-de-imprensa-retrocedeu-e-cresceu-o-jornalismo-bem-comportado-em-angola/>. Acesso em: 5 Jan. 2025.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011. 229 p.

COMISSÃO EUROPEIA. Orientações nos termos do artigo 33.o -A, n.o 3, da Diretiva Serviços de Comunicação Social Audiovisual sobre o âmbito dos relatórios dos Estados-Membros relativos às medidas de promoção e de desenvolvimento de competências de literacia mediática. **Jornal Oficial da União Europeia**, C 66/3. 23 fev. 2023. Disponível em: [https://eur-lex.europa.eu/legal-content/PT/TXT/PDF/?uri=CELEX:52023XC0223\(01\)&from=EN](https://eur-lex.europa.eu/legal-content/PT/TXT/PDF/?uri=CELEX:52023XC0223(01)&from=EN) Acesso em: 5 Jan. 2025.

ANGOLA. Decreto Presidencial n.º 225/23. **Diário da República**, n.º 227, I Série, de 30 de novembro de 2023. Disponível em: <https://www.mpla.ao/wp-content/uploads/2023/12/PLANO-DE-DESENVOLVIMENTO-NACIONA-2023-2027.pdf>. Acesso em: 5 Jan. 2025.

CRESWELL, J.; CRESWELL, J. **Research Design: Qualitative, Quantitative, and Mixed Methods Approaches**. Los Angeles: Sage, 2018.

DESCHÊNES, A. Digital literacy, the use of collaborative technologies, and perceived social proximity in a hybrid work environment: Technology as a social binder. **Computers in Human**

Behavior Reports, vol. 13, p. 100351, Mar. 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.chbr.2023.100351>. Acesso em: 5 Jan. 2025.

FERATI, Mexhid *et al.* Web Accessibility for Visually Impaired People: Requirements and Design Issues. In: FERATI, Mexhid *et al.* **Usability- and Accessibility-Focused Requirements Engineering**. Cham: Springer International Publishing, 2016. p. 79-96. ISBN 9783319459158. Disponível em: https://doi.org/10.1007/978-3-319-45916-5_6. Acesso em: 5 Jan. 2025.

FLICK, U. **An introduction to qualitative research**. 6th ed. London: Sage, 2020. 632 p.

FORBES STAFF. **Baixa literacia impede inclusão financeira em Angola - Forbes África Lusófona**. 18 Mar. 2023. Disponível em: <https://www.forbesafricalusofona.com/baixa-literacia-impede-inclusao-financeira-em-angola/>. Acesso em: 4 Jan. 2025.

FORTIN, M.-F. **Fundamentos e Etapas no Processo de Investigação**. Loures: Lusodidacta, 2009. 618 p.

FREEDOM HOUSE. **Freedom on the Net 2023. Angola**. 2023. Disponível em: <https://freedomhouse.org/country/angola/freedom-net/2023>. Acesso em: 5 Jan. 2025.

GILSTER, P. **Digital literacy**. New York: John Wiley. 1997. 276 p.

HEWITT, D. H.; HE, Y. Internet Accessibility for Blind and Visually-Impaired Users: An Evaluation of Official U.S. State and Territory COVID-19 Websites. **Proceedings of the Human Factors and Ergonomics Society Annual Meeting**, vol. 65, no. 1, pp. 154-158. 2021. <https://doi.org/10.1177/1071181321651051>

INSTITUTO NACIONAL DE ESTATÍSTICA DE ANGOLA. **Anuário Estatístico de Angola 2015-2018**. Luanda: INE, 2019. Disponível em: https://ine.gov.ao/Arquivos/arquivosCarregados//Carregados/Publicacao_637873637947742390.pdf. Acesso em: 5 Jan. 2025.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTATÍSTICA DE ANGOLA. **Relatório sobre Cibersegurança e Serviços Digitais- Inquérito ao Emprego em Angola (IEA) I Trimestre 2021**. 2023. Disponível em: https://www.ine.gov.ao/Arquivos/arquivosCarregados/Carregados/Publicacao_638143506802949387.pdf. Acesso em: 5 Jan. 2025.

KOTHARI, A.; CRUIKSHANK, S. Artificial Intelligence and Journalism: An Agenda for Journalism Research in Africa. **African Journalism Studies**, vol. 43, no. 1, p. 17-33, 1 Dec. 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/23743670.2021.1999840>. Acesso em: 5 Jan. 2025.

LOPES, F. Angola prevê elevar a taxa de utilizadores. **Jornal de Angola**. 24 mai 2024. Disponível em: https://www.pressreader.com/angola/jornal-de-angola/20240524/282127821596051?srsId=AfmBOorgWqCfHJYiLqkxMAch5N4l_wrzrbZ-E4AQL7JRsdXXgLB_CnUl. Acesso em: 5 Jan. 2025.

LÓPEZ, M. *et al.* Digital literacy as a new determinant of health: A scoping review. **PLOS Digital**

Health, vol. 2, no. 10, p. e0000279, 12 Out. 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.1371/journal.pdig.0000279>. Acesso em: 5 Jan. 2025.

MALOTIYA, R. *et al.* (2023). Exploring the conceptual understanding of digital literacy: a framework for promoting digital literacy in the digital era. **Humanities and Social Science Studies**, vol. 12, no. 2, pp. 65-74.

MATHENDE, A.; BEACH, J. The Integration of Information Communication Technology in Education: A Review of Policies and Practices in Angola, South Africa, and Zimbabwe. **Journal of Special Education Preparation**, vol. 2, no. 1, p. 80-89, jul/dez 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.33043/josep.2.1.80-89>. Acesso em: 5 Jan. 2025.

MUKUTA, C. **Quase metade da população de Angola vive na pobreza**. 20 fev. 2024. <https://www.voaportugues.com/a/quase-metade-da-popula%C3%A7%C3%A3o-de-angola-vive-na-pobreza/7495227.html>

NAÇÕES UNIDAS; PROGRAMA DAS NAÇÕES UNIDAS PARA O DESENVOLVIMENTO. **Angola Science, Technology & Innovation Policy Review**. 2023. Disponível em: https://unctad.org/system/files/official-document/dtlstict2022d7_en.pdf. Acesso em: 5 jan. 2025.

NDIPA, A. **Imprensa angolana aponta retrocesso no sector**. VOA, 2023. Disponível em: <https://www.voaportugues.com/a/imprensa-angolana-aponta-retrocesso-no-sector/7011331.html>. Acesso em: 5 jan. 2025.

NEWMAN, N. *et al.* **Digital News Report 2021**. Oxford: Reuters Institute for the Study of Journalism, 2021. Disponível em: https://papers.ssrn.com/sol3/papers.cfm?abstract_id=3873260. Acesso em: 4 jan. 2025.

PANGRAZIO, L.; GODHE, A.-L.; LEDESMA, A. What is digital literacy? A comparative review of publications across three language contexts. **E-Learning and Digital Media**, vol. 17, no. 6, p. 442-459, 30 Jul. 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/2042753020946291>. Acesso em: 5 jan. 2025.

REPÚBLICA DE ANGOLA. **Livro Branco das Tecnologias de Informação e Comunicação. Estratégias para a Transformação Digital 2018-2022**. Disponível em: <https://cdn.sepe.gov.ao/sepe/documentos/LBTIC19-22.pdf>. Acesso em: 5 jan. 2025.

SHILONGO, K. **Journalism can advance trustworthy AI in Africa**. Dk Academie. Nov. 7, 2023. Disponível em: <https://akademie.dw.com/en/journalism-can-advance-trustworthy-artificial-intelligence-in-africa/a-67317280>. Acesso em: 5 jan. 2025.

TSANDZANDA. **LONDA. Angola Digital Rights and Inclusion 2021 Report**. Nigeria: Paradigm Initiative, 2022.

UNESCO. **World Trends in Freedom of Expression and Media Development: Global Report**. Paris: UNESCO, 2022. Disponível em: <https://www.unesco.org/reports/world-media->

trends/2021/en. Acesso em: 4 jan. 2025.

UNIÃO INTERNACIONAL DE TELECOMUNICAÇÕES (UIT). **Measuring Digital Development: Facts and figures 2021**. Genebra: UIT, 2021. Disponível em: <https://www.itu.int/en/ITU-D/Statistics/Documents/facts/FactsFigures2021.pdf>. Acesso em: 4 jan. 2025.

UNITED NATIONS DEVELOPMENT PROGRAMME. **Is Artificial Intelligence (AI) a solution for Angola?** Dez 17, 2019. Disponível em: <https://www.undp.org/pt/angola/blog/artificial-intelligence-ai-solution-angola>. Acesso em: 5 jan. 2025.

VOA PORTUGUÊS. **Angola piora no índice da liberdade de imprensa dos RSF, Moçambique e Guiné-Bissau melhoram**. 2023. Disponível em: <https://www.voaportugues.com/a/angola-piora-no-%C3%ADndice-da-liberdade-de-imprensa-dos-rsf-mo%C3%A7ambique-e-guin%C3%A9-bissau-melhoram/7076663.html>. Acesso em: 5 jan. 2025.

WÖLKER, A.; POWELL, T. E. Algorithms in the newsroom? News readers' perceived credibility and selection of automated journalism. **Journalism**, v. 22, n. 1, p. 86–103, fev. 2021. DOI: 10.1177/1464884918757072.

WORLD BANK GROUP. **Angola Country Climate and Development Report**. Washington: The World Bank Group, 2022. Disponível em: <https://documents1.worldbank.org/curated/en/099150012022242096/pdf/P1769171f457c3010198d31b375aadd937.pdf>. Acesso em: 5 jan. 2025.

YIN, R. K. **Case study research and applications: Design and methods**. 6th ed. Thousand.